

Setor Florestal Mantém Resultados Positivos

De modo geral, a conjuntura do setor florestal, neste mês de outubro de 2010, acompanhando o bom desempenho da economia brasileira e mundial, vem evoluindo satisfatoriamente. O setor tem demonstrado uma evolução crescente na produção e exportação de vários produtos e nos investimentos.

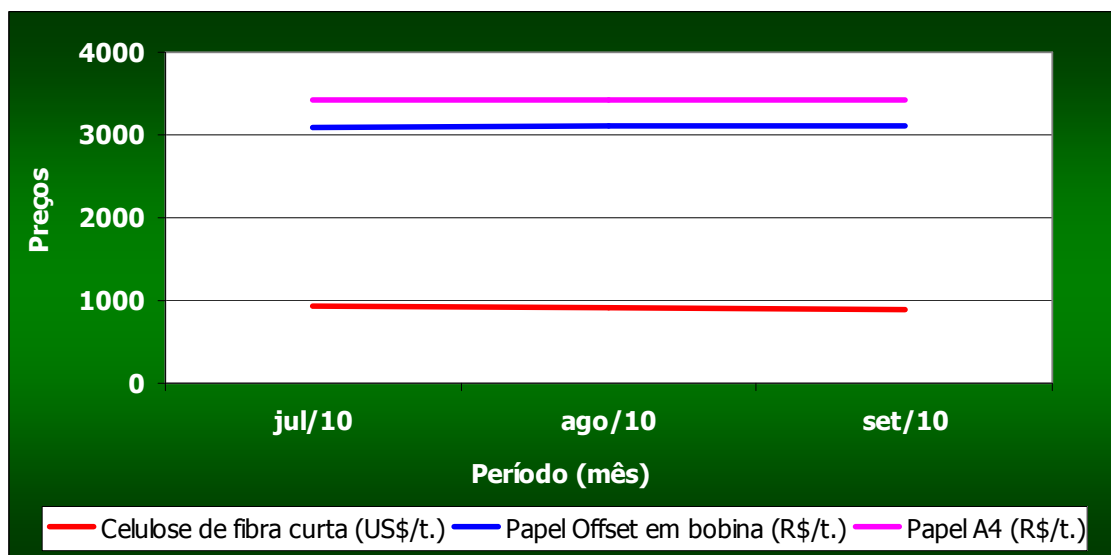
Segmento de Celulose e Papel

Nos últimos meses, o segmento de celulose e papel apresentou resultados positivos, segundo a Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA). As exportações de celulose cresceram, bem como os volumes produzidos e embarcados. O mercado doméstico apresentou bom desempenho, impulsionado pelas encomendas de final de ano. Até agosto deste ano, a produção de celulose totalizou 9,2 milhões de toneladas, 7,7% a mais em relação ao mesmo período de 2009, e as exportações totalizaram 5,5 milhões de toneladas, 2,7% a mais em relação ao período de janeiro a agosto de 2010, devido ao aumento da demanda na Europa e América do Norte. Considerando apenas o mês de agosto deste ano, observou-se queda de 6,4% na produção de celulose e aumento nas exportações de 2% em comparação ao mesmo período de 2009.

A produção de papel somou 6,5 milhões de toneladas de janeiro a agosto deste ano, um crescimento da ordem de 5,8% em relação do mesmo período de 2009. Esse resultado pode ser explicado pelo bom desempenho das vendas domésticas, principalmente do papel cartão que no acumulado do ano teve crescimento de, aproximadamente, 27%, ante o mesmo período de 2009, e dos papéis para embalagem, cujas vendas foram 11,4% superiores às realizadas entre janeiro e agosto de 2009. Comparando o mês de agosto de 2010 com agosto de 2009, o crescimento da produção de papel foi de 3,3%.

No que diz respeito aos preços da celulose e do papel, a consultoria finlandesa Foex informou, no dia 28/09/2010, que o preço da celulose de fibra curta, na Europa, ficou estável, a US\$ 870,00 por tonelada. O preço da celulose de fibra longa atingiu US\$ 972,91 por tonelada, com entrega na Europa, apresentando uma queda de 0,02% ou de US\$ 0,21/t. Por sua vez, na China, o preço da celulose de fibra curta atingiu US\$ 785,63/t, o que representou uma redução de 0,11% ante à semana anterior.

Dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), também indicaram queda nos preços da celulose em São Paulo e estabilidade nos preços do papel, entre julho e setembro de 2010 (Figura1).



Fonte: CEPEA (2010).

Figura 1 – Preço da Celulose e do papel em SP, julho a setembro de 2010.

Os preços de celulose apresentaram uma tendência de queda, pois os estoques mundiais aumentaram para 34 dias e os embarques diminuíram recentemente, avaliou a corretora Link Investimentos. Porém, para as companhias brasileiras, que apresentam baixo custo de produção, principalmente devido aos insumos mão-de-obra e madeira, os preços atuais da celulose estão satisfatórios e o cenário positivo deve continuar no médio prazo.

A Link Investimentos aponta, ainda, que o Kraftliner (White) registrou redução de 0,22%, sendo cotado a US\$ 703,97 g/m², valor este próximo da sua cotação máxima (US\$ 716,88 g/m²) e favorável à Klabin, empresa exportadora do produto para a Europa.

Com relação aos investimentos, a expectativa do segmento é otimista. Está previsto a instalação de uma fábrica da Portucel, indústria portuguesa de papel e celulose, no Mato Grosso do Sul e não no Uruguai, que também estava disputando o investimento. A previsão é que a Portucel invista R\$ 3 bilhões em sua nova planta e gere 15 mil empregos.

Até o ano de 2020, os investimentos para o segmento de celulose e papel devem alcançar US\$ 20 bilhões, segundo a Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel (ABTCP). Com isso, espera-se até 2020 um aumento de 57% em produção, o que deve indicar um volume de 22 milhões de toneladas de celulose e 12,7 milhões de toneladas de papel.

Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros

Em setembro de 2010, as importações brasileiras de borracha natural foram 26.668 toneladas ou US\$ 83,5 milhões, aumento de 26% na quantidade importada e de 28% nos valores gastos, em comparação com o mês de agosto de 2010 (MDIC, 2010).

Isso pode ser explicado pelo aumento na aquisição de borracha natural granulada ou prensada e também na forma de folha fumada.

Considerando o período de janeiro a agosto de 2010, as importações brasileiras de borracha natural somaram 199,7 mil toneladas e US\$ 588,4 milhões. Em comparação com o mesmo período de 2009, houve um acréscimo de 96% na quantidade importada e 254% no valor das importações (MDIC, 2010).

Considerando a média mensal dos oito primeiros meses do ano, pode-se projetar que o Brasil importará 260 mil toneladas neste ano de 2010. Estima-se que o consumo nacional pode atingir um nível aproximado de 365 mil toneladas no ano, segundo a Natural Comunicação.

De acordo com Heiko Rossmann, diretor da Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (Apabor), a seca prolongada no noroeste paulista, principal região produtora de borracha natural, causou um pequeno atraso no início da safra 2010-11. Os seringais entraram em produção com as primeiras chuvas a partir de meados de setembro. Porém, há indicativo de que as chuvas poderão ser mais escassas de outubro a dezembro deste ano, podendo causar ligeira queda na produtividade desta safra que se inicia.

Vários especialistas acreditam num vasto horizonte para a borracha natural no Brasil. Há 50 anos o País acreditou na borracha sintética, no entanto, o alto preço do petróleo e a qualidade insuficiente para atender as necessidades dos veículos levaram o País a repensar as vantagens da borracha sintética e a revalorizar a borracha natural.

Em setembro de 2010, as exportações brasileiras de palmito foram de 65,4 toneladas ou US\$ 411.603, o que representou uma queda de 52% e 48% na

quantidade e no valor exportado, respectivamente (MDIC, 2010).

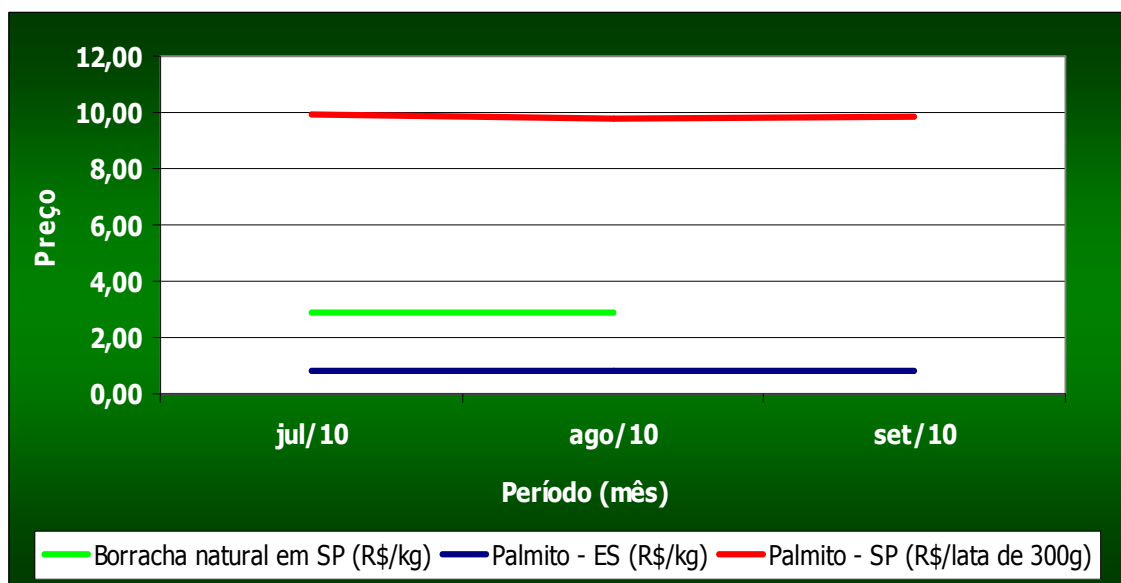
De janeiro a setembro de 2010, as exportações nacionais de palmito somaram 1.099 toneladas e US\$ 5,5 milhões. Considerando o mesmo período de 2009, houve uma queda de 16 % e 3% na quantidade e no valor das exportações brasileiras de palmito, respectivamente (MDIC, 2010).

No caso da castanha-do-pará, em setembro de 2010 o Brasil exportou 295,8 toneladas e US\$1.087,9, uma redução de 62% em termos de quantidade e um aumento de 22% em termos de valor, em relação a agosto de 2009 (MDIC, 2010).

De janeiro a setembro de 2010, as exportações nacionais de castanha-do-pará somaram 8.847 toneladas e US\$ 12,9 milhões. Considerando o mesmo período de 2009, houve um aumento de 1,5% na quantidade e de 37,7% no valor das exportações brasileiras (MDIC, 2010).

O Brasil está perdendo espaço nas exportações da castanha-do-pará devido, talvez, ao fato de muitos lotes serem devolvidos por contaminação pela aflatoxina, considerada uma substância cancerígena.

Com relação aos preços dos produtos florestais não-madeireiros, estes ficaram relativamente estáveis, de julho a setembro de 2010 (Figura 2).



Fonte: IEA (2010), CEASA (2010).

Figura 2 – Preço dos produtos florestais não-madeireiros, julho a setembro de 2010.

Segmento de Madeira Processada

O mercado de madeira processada vem se recuperando lentamente. Neste ano, as exportações brasileiras de produtos da madeira e derivados totalizam US\$1,42 bilhões, gerando um saldo na balança comercial de US\$1,32 bilhões, conforme se observa na Tabela 1.

TABELA 1 – Balança comercial dos produtos de madeira e derivados para 2010, em 1000 US\$

Mês	Exportação	Importação	Saldo	Corrente de Comércio
JAN	115.079	7.350	107.729	122.430
FEV	141.550	8.239	133.311	149.789
MAR	169.801	11.759	158.042	181.561
ABR	159.113	10.498	148.615	169.611
MAI	173.477	9.638	163.839	183.115
JUN	159.807	11.912	147.895	171.719
JUL	177.307	12.174	165.133	189.480
AGO	169.310	11.841	157.468	181.151
SET	157.246	12.710	144.536	169.956
Acumulado	1.422.690	96.122	1.326.568	1.518.812

Fonte: MDIC, elaborado pela equipe do CIFLORESTAS.

Na Tabela 2, pode-se verificar a variação (%) da balança comercial em relação ao ano de 2009. Apenas nos dois primeiros meses de 2010 as exportações estiveram pouco abaixo de 2009. A partir de março de 2010 as exportações superaram, significativamente, as exportações do ano anterior. Em setembro, houve um acréscimo de 11,3% em relação a igual período de 2009. Neste ano, acumulou-se um acréscimo de 148% nas exportações e 149% na balança comercial em relação a igual período do ano anterior. Apesar de o valor e volume exportados estarem crescendo, estes ainda estão em patamares bem abaixo dos registrados em 2008.

TABELA 2 – Variação percentual da balança comercial dos produtos de madeira e derivados em relação ao igual período de 2009

Mês	Exportação	Importação	Saldo	Corrente de Comércio
JAN	-4,5	-16,4	-3,5	-5,3
FEV	-0,7	-6,5	-0,3	-1,1
MAR	12,0	13,6	11,9	12,1
ABR	15,9	12,7	16,1	15,7
MAI	29,7	12,5	30,9	28,7
JUN	22,0	21,1	22,0	21,9
JUL	33,4	23,1	34,2	32,7
AGO	29,0	39,3	28,3	29,6
SET	11,3	43,2	9,2	13,2
Acumulado	148	143	149	147

Fonte: MDIC, elaborado pela equipe do CIFLORESTAS.

Esse quadro foi reforçado com uma sondagem realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) entre diversos setores produtivos, para saber a situação das empresas dois anos após o pior período da crise. Das empresas afetadas, 59% disseram ainda sentir os efeitos da crise. Este número dá um salto quando a pergunta é direcionada para setores eminentemente exportadores, como é o madeireiro, onde 70% das empresas assinalaram que a demanda externa, hoje, é menor do que antes do colapso econômico. O principal entrave para a plena recuperação do setor ainda é a demanda externa, mas fatores internos também estão barrando um possível salto, como a restrição de créditos às empresas e a alta taxa cambial. A sondagem da CNI apontou que 35% das empresas ouvidas tiveram alguma dificuldade na obtenção de crédito (AIMEX).

Recentemente, na 1ª Conferência da Indústria Florestal Latino Americana, em São Paulo, ficou evidenciada a preocupação do setor com a redução da demanda de produtos florestais. Segundo Bernard Fuller, presidente da Cambridge Forest Products Associates (CFPA), "na América do Norte, a demanda de produtos florestais caiu 42% entre 2005 e 2009, na Europa, os índices foram de aproximadamente 17%". Segundo ele, o setor florestal não deve considerar os mercados norte-americanos e europeu para sua retomada. "Ao menos nos próximos anos, os países em desenvolvimento,

liderados pela China, terão que fortalecer o mercado interno". No Brasil, o consumo de madeira serrada caiu apenas 2,5% no período de crise e a queda do consumo de painéis foi compensada pelo aumento da demanda por MDF. Sentindo diretamente os efeitos do colapso econômico mundial, o país reagiu rápido, segundo Fuller, incentivado, principalmente, pelo mercado interno. Com uma visão realista e não pessimista, segundo ele próprio, os preços dos produtos madeireiros permanecerão em patamares razoáveis, ao menos nos próximos três anos (Painel Florestal).

Em setembro, na Zona da Mata Mineira, os preços do metro cúbico da madeira serrada de angelim margoso (R\$1710,00) e de eucalipto (R\$800,00) permaneceram estáveis em relação ao mês anterior. Já o metro cúbico serrado de pinus e jatobá tiveram uma alta de 6,5% e 8%, alcançando R\$441,00 e R\$2070,00, respectivamente. A seca prolongada deste ano e as queimadas ocorridas nas florestas plantadas em todo o país preocupam o governo e empresários e podem causar uma alta de preços dos produtos florestais no futuro (CIFLORESTAS).

Segmento de carvão vegetal

O mercado de carvão, na atual conjuntura, apresenta-se em aparente crise, com os preços do produto em queda, apesar dos rumos da economia nacional e mundial caminharem em direção oposta. Entre maio e setembro, na praça de Belo Horizonte, houve uma retração dos preços de 31%. Este caiu de R\$132/mdc, em maio, para R\$91,25/mdc, em setembro. A queda decorre de uma redução na demanda do produto, mais especificamente em Minas Gerais, devido a uma crise recente instalada no setor guseiro do estado, atribuída, de acordo com o Diretor-Superintendente da Associação Mineira de Silvicultura (AMS), Antônio Tarcizo de Andrade e Silva, à elevação do preço do minério de ferro e à consequente redução das exportações.

A crise é, de fato, preocupante para o segmento. Dos 106 alto-fornos existentes no estado de Minas Gerais, apenas 23 estariam em operação, atualmente. A produção, que atualmente estaria girando em torno de 200 mil toneladas por mês, está abaixo da média histórica de 450 mil toneladas mensais. A permanecer o quadro atual, investimentos futuros no setor, como o de novos plantios de eucaliptos, por exemplo, serão seriamente afetados.

No entanto, apesar da crise atual e contrariando expectativas, empresas de grande porte planejam continuar investindo no segmento, como no plantio de eucalipto, visando principalmente o aumento da produção de carvão. Nesse sentido, a

empresa ArcelorMittal BioEnergia anunciou investimentos de US\$390 milhões como meta para elevar sua produção de carvão de 2,5 milhões de metros cúbicos no final deste ano para 5,2 milhões de metros cúbicos até 2016, conforme certifica o seu presidente Elesier Lima Gonçalves. A intenção é atender os dois altos-fornos da empresas localizados em Juiz de Fora (Zona da Mata) e em Timóteo (Vale do Aço), além do forno elétrico em Cariacica, no Espírito Santo. A empresa, além disso, pretende expandir-se, construindo mais dois altos-fornos que deverão entrar em operação no estado do Espírito Santo num futuro próximo. Do exposto, percebe-se que as condições de mercado do carvão, apesar de temporariamente ruins, podem não o ser num horizonte de prazo mais longo.

Segmento moveleiro

A conjuntura do segmento moveleiro confirma agora em outubro previsões e prognósticos de crescimento da maioria das agências de informação ligadas ao setor. As indústrias moveleiras de todo país, principalmente as do Sul e Sudeste, retomaram o crescimento tanto para o mercado interno, quanto externo. Do lado da oferta, as iniciativas concretas de inovação, avanços tecnológicos, capacitação administrativa e promoção foram consideradas como os principais medidas responsáveis por esse crescimento. Do lado da demanda, o crescimento vigoroso da economia brasileira, previsto e sustentado, em torno de 7% ao ano, trouxe não somente aumento, mas também distribuição de renda entre as diversas classes de consumidores no país, tornando-se este o fator mais significativo para sustentar o aumento atual da demanda interna de móveis.

Com relação ao mercado externo, o crescimento das exportações de móveis tem sido igualmente vigoroso. No primeiro semestre de 2010, o setor já acumulou um aumento de aproximadamente de 15%, segundo ABIMOVEL. De janeiro a julho, as vendas para o exterior totalizaram US\$433,1 milhões, valor bem próximo ao da receita exportada em 2008, período pré-crise. Esse aumento reflete a recuperação econômica mundial. O principal destino tem sido a Argentina, cujas compras somam US\$64,5 milhões, um aumento de 105% na comparação com o acumulado de janeiro a julho de 2009. Algumas regiões têm experimentado expansão na exportação ainda maior do que a média nacional. A região de Bento Gonçalves, por exemplo, teve um incremento de 20% entre janeiro e julho de 2010. Os entraves a uma maior expansão das exportações têm sido a desvalorização do dólar frente ao real, o que torna o produto

brasileiro mais caro, a forte concorrência da China e Vietnã que produzem móveis a preços mais competitivos que o Brasil.

O segundo semestre traz melhores expectativas para diversos setores da economia. No caso do segmento moveleiro, ocorre o período conhecido como de pico de consumo quando boa parte da população começa a buscar formas de embelezar a casa, adquirindo novos móveis ou substituindo velhos. Desta forma, não é difícil prever que o ano de 2010 será capaz de repor grande parte das perdas com a crise de 2009, tanto do mercado externo quanto do mercado interno e contribuir significativamente para o crescimento e sustentabilidade do setor.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Naisy Silva Soares – Economista, MS. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, MS. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, DS. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.